



Pedro Rosa Mendes
peregrinação
de enmanuel
jhesus

RIO DE JANEIRO:
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas /
Secretaria de Estado da Cultura — Portugal.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



BRASIL
PORTUGAL
AGORA
2012.2013



O autor beneficiou de uma bolsa da DGLB
para uma residência literária de um mês
na Nes Artists Residency, Islândia.

© Pedro Rosa Mendes, 2013

1.ª edição: Agosto de 2013

Edição: Tinta-da-china Brasil
Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

Mapas: © Frédéric Durand, 2010

Mendes, Pedro Rosa, 1968-
M492p Peregrinação de Enmanuel Jhesus / Pedro Rosa Mendes.
1.ed. — Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2013.
376 pp.; 21 cm

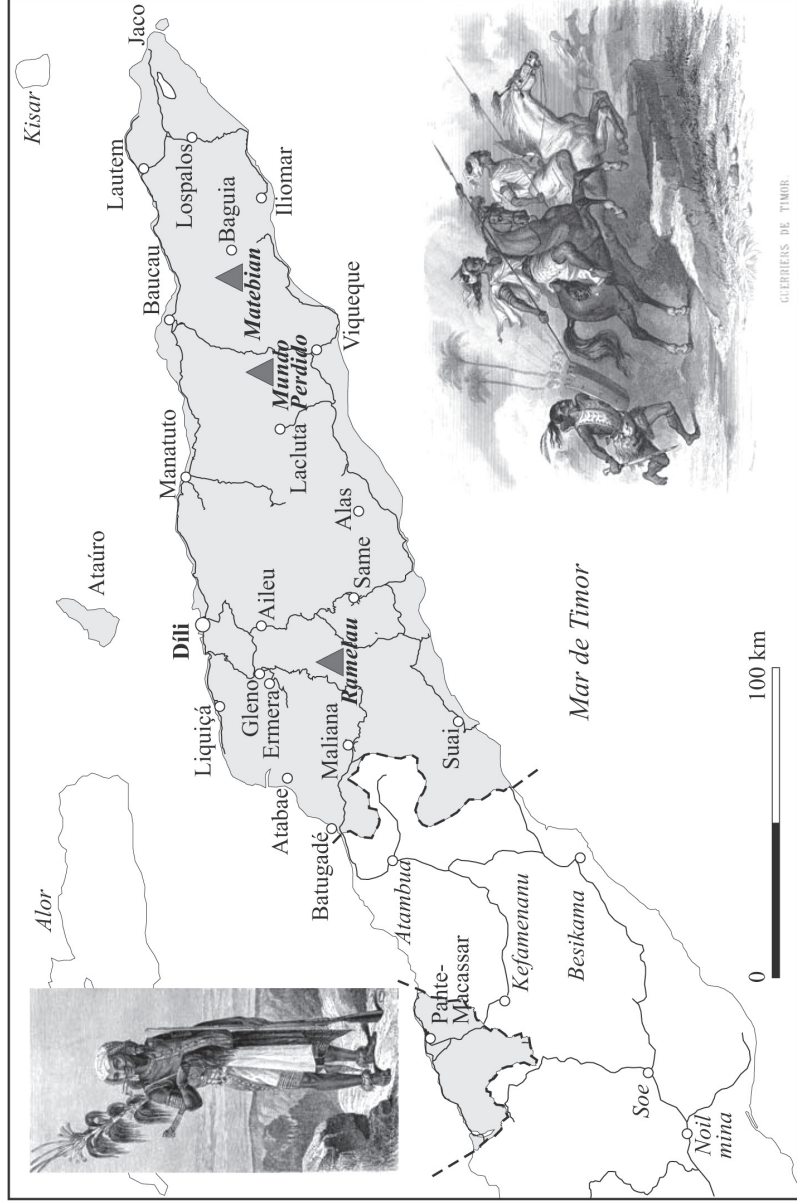
ISBN 978-85-65500-09-8

1. Romance português — I. Título

13-03767 CDD 869.3
CDU 821.134.3-3

Todos os direitos
desta edição reservados à
Tinta-da-china Brasil
Largo São Francisco de Paula, n.º 34, 15.º andar
Centro RJ 20051-070
Tel. 0055 21 8160 33 77 | 00351 21 726 90 28
infobrasil@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt/brasil

Saudadeando
Ray-Güde Mertin
(1943-2007)



CHEIERS DE TIMOR



PEREGRINAÇÃO DE ENMANUEL JHESUS

Suma accidental em que da conta de mvtas e mvtito estranhas cousas que vio e ouvio nos reynos do Achém, Çamatra, Sunda, Jaua, Flores y Servião y Bellos, que vulgarmente se chamam Timor, homde nace o samdollo, & em outros mvtitos reynos & senhorios das partes Orientais ateh abs ilhas da Papoia, de que nestas nossas do Occidente ha mvtito pouca ou nenhua noticia.

E tambem da conta de mvtitos casos particulares que acontecerão assi a elle Enmanuel Jhesus como a outras mvtitas pessoas. E no fim della trata brevemente de algumas cousas, & dos trabalhos & infortunios passados por Alor, mancebo jau, enviado ao reyno dos Bellos, y de hum triste caso que succedeo nas pedras chamadas Matebian, no reyno timor do Cabo Amen, Diocese imaginária de Lorium Timur.

Porque, a certo nível de decomposição,
sujidade e pureza igualam-se, meros elementos
químicos, sem traço da sua origem.

in *Kapo*, Aleksandar Tišma

TIMOR LOROSA'E:
INQUÉRITO A UMA ESCOLHA

*Auto de missão
pelo bispo Per Kristian Kartevold
da Igreja da Noruega (outubro/novembro de 1999)*

Elenco e local de inquirições:

DALBOEKERK (SOCA/BALI)

Oficial e agente indonésio, natural de Bogor, Java Ocidental, profundamente marcado pela cultura sundanesa e a herança do Reino de Padjadjaran; operacional das Forças Armadas da República Indonésia (ABRI), serviu com Benni Murdani nos anos 70 (participou na invasão de Timor Oriental), foi próximo de Prabowo Subianto nos anos 80 e integrou a equipa secreta de Zaki Anwar em Timor-Leste, cumprindo missões de recolha de informações nos meses que antecederam a consulta popular de 1999; figura influente no Palácio Merdeka, onde usa, entre outras armas, a sua grande erudição; pai do jovem arquitecto Alor.

MATARUFA (DÍLI/TIMOR)

Veterano da Resistência timorense, natural de Laleia, Manatuto; começou como jovem quadro da Fretilin em 1975, integrou as Falintil no período das bases de apoio (guerra convencional); preso pelos indonésios após a queda do Matebian, esteve um ano na Comarca de Balide, em Díli, sofrendo

torturas e privações, até ser libertado por decisão judicial; passou a trabalhar para os Serviços Provinciais de Cultura, o que lhe permitiu acumular um conhecimento grande sobre as tradições timorenses, até porque nunca deixou de colaborar com a Frente Clandestina.

PADRE BELTERAN DO ROSÁRIO (BAGUIA/TIMOR)

Sacerdote católico indonésio, natural de Larantuka, Flores; colocado em Baguia, Baucau, nos anos 90; praticante aguerrido de diversas escolas de *silat*; perdeu um olho num combate de *tcinde*, tradicional de algumas regiões das Flores, onde os adversários se golpeiam à vez com um longo chicote feito de finos rebentos de bambu; sonha com uma entidade política que aglutine a parte cristã do Arquipélago.

WALLACEA (DÍLI/TIMOR)

Jovem timorense, natural de Kupang, de mãe indonésia e pai timorense, fazendeiro e patriarca de uma das famílias mais importantes em Díli, a quem todos chamam, apenas, O Pai; herdeira, por via materna, da linhagem real de Wehali, em Timor Ocidental, sonha com a reconstituição da grandeza perdida da sua “dinastia”: um centro de poder matriarcal para toda a ilha, fundado não numa soberania política mas numa ascendência ritual; procura um príncipe.

QUE-DEUS-TEM (DÍLI/TIMOR)

Veterano da Resistência timorense; natural de Loré, Lospalos; foi recrutado muito jovem para as Falintil, onde se distinguiu rapidamente pela sua coragem; era já um dos comandantes mais experientes na batalha pelo Matebian (1977-78); a montanha sagrada foi a sua morada nas décadas seguintes: foi assessor do comandante-em-chefe, secretário da Direção da Luta e

tradutor-copista do *Manual de Guerrilha Vietnamita*; pensa bem; sonha mal; manteve-se nas Falintil até 1999.

BUPATI GONÇALVES (KUPANG/TIMOR)

Quadro timorense, natural de Ermera; sobrevivente da guerra civil, educado pelos padres, estudou na Indonésia nos anos 80; chegou a administrador do distrito; um colaboracionista com contactos na Rede Clandestina.

DAVID LEVIATÃO (DÍLI/TIMOR)

Biólogo brasileiro, natural de Telavive, de uma numerosa família judaica do Rio de Janeiro com origem na Polónia e nos Balcãs; cumpriu, por seu desejo, o serviço militar em Israel, numa unidade de elite do Tsahal; passou pela experiência *kibbutzin*; após uma primeira experiência como Voluntário das Nações Unidas, ofereceu-se para a missão internacional que organizou a consulta popular em Timor-Leste; apaixonado pelo mergulho de recreio.

GLORIA SUPREMA (DÍLI/TIMOR)

Estudante timorense, natural de Loré; abandonado pela mãe no Matebian, foi criado pela família em Lospalos nos primeiros anos de ocupação indonésia; despertou, ainda adolescente, a curiosidade de Monsenhor, seu protetor e amigo íntimo; faz parte do grupo de rapazes conhecidos na Cúria Diocesana como Jardim Celeste, que circulam e reúnem na Pensão Mundo Perdido, em Díli — no quarto de *Gloria*.

I
JAU

*ele é erguido para atravessar
ele é iluminado para atravessar
buscando a antiga pista
buscando o antigo sendeiro
o sendeiro do Liurai
a pista do Liurai
vem, não passes apenas
vem, não sigas apenas*

*in Webali — The Female Land
Tom Therik*

I
MATARUFA

Às 9 horas da manhã de sábado, 4 de setembro de 1999, no Hotel Ma'hkota, em Díli, Ian Martin, chefe da missão internacional, anunciou os resultados da consulta popular em Timor-Leste: 21,5 por cento tinham votado a favor da autonomia, 78,5 por cento votaram contra.

O anúncio foi feito em simultâneo com a sede das Nações Unidas em Nova Iorque. O resultado era inequívoco, pois “a Comissão pôde concluir que a consulta popular foi isenta, do ponto de vista processual e conforme com os Acordos de Nova Iorque, constituindo, conseqüentemente, um reflexo exato da vontade do povo de Timor-Leste”, sem distorções ou constrangimentos de outra ordem.

No meio de um regozijo indescritível, reparei num homem que acenava à porta do salão do Ma'hkota. Fazia-me sinal para ir ter com ele. Cumprimentou-me com delicadeza. Foi formal em demasia para a ocasião e não aludiu à notícia que naquele momento circum-navegava o mundo. Informou apenas

Trago uma encomenda,
pôs-me nas mãos uma caixa de cartão, endereçada à
“Presidência da República
Timor-Dilly”

Talvez queira abrir,
e, olhando por cima do ombro, entreabriu o cartão pelas asas.
Da caixa escapou um hálito a ferida podre. Continuo a

sentir esse cheiro, ficou colado a mim, a nós, não devia ser mas é o cheiro de um país nascente, Lorosa'e, o cheiro de Ian Martin garantindo ali ao lado, a nós e ao mundo,

“Não existem dúvidas de que a esmagadora maioria do povo desta terra agitada deseja separar-se da República da Indonésia.”

O homem da caixa informou, sem emoção,
Não fomos nós,
acendeu um *kretek*,

Foi do vosso lado, nas vossas áreas. Aceitamos a tradição, como aceitamos o resultado: mais um loroçá dos *aswain Timor oan*. Mas é uma pena que lhe tenham feito isto, logo agora.

O homem vestia uma camisa tradicional javanesa de pura seda, elegante na extravagância: em fundo malva e creme, repetia-se um estampado com pequenos veleiros. Notei que as velas tinham cruzeiros templários. Eram iguais aos paramentos de Nuno Álvares Pereira nos meus livros de Soibada. Pareciam bastante as naus quinzentistas que chegaram ao Índico com portugueses a bordo. Nos ombros direitos do homem, a armada lusitana navegava em ordem num mar brilhante de seda. Estranho efeito para estranha ocasião. Pensei: o requinte cínico e silencioso dos javaneses.

Do cartão saiu uma larva. O capitão da armada de seda pareceu enojar-se no meu nojo. Puxou uma passa mais sôfrega do *kretek* e atirou o cigarro ao chão, sem o apagar. Foi a olhar para o pequeno ponto extinguindo-se em cinza a nossos pés que o homem repetiu,

Logo agora, que ele tinha ressuscitado de propósito,
com o que fez uma vénia e saiu do Ma'hkota com os seus galeões de seda, deixando-me nas mãos a independência, tal como ela nos foi entregue pela Indonésia. Uma pirisca com odor a cra-vo e a morte.

Na caixa, jazia a cabeça de um homem.

Dos picos mais altos do casal Matebian — Homem e Mulher — avistam-se, em dia escampo, centenas, milhares de rochas de talhe vertical e austero. São antropomorfias esculpidas pelos elementos, sem função definida. Legião, êxodo, procissão, necrópole? Os pedregalhos, de grande envergadura em relação ao porte de um homem, escapam à percepção de quem estiver junto deles, embuçados no gigantismo. Apenas à distância ganham a expressão completa de um coletivo simbólico, quando olhadas das cumeadas onde chove pouco porque, na verdade, nelas sempre habita a chuva.

Tais formações parecem aludir a trânsitos criados e interrompidos por um cataclismo. Seguem díspares direções e nenhuma em particular, petrificadas em desassossego. São linhas e conjuntos riscando prados e escarpas, em gumes ora em talvegues. A sua silhueta ganha dramatismo na sagração da alvorada e do crepúsculo e na embriaguez glauca do nevoeiro. Estas pedras, cada uma recolhida nos ombros da seguinte, aparentam aqui querer subir a custo, mas já ao lado parecem iminentes a descer em tropel. Isto assim opera, ao observador atento, não consoante a topografia em que a natureza espalhou tais rochas, mas conforme a orientação uniforme da sua parte superior. Pois que a erosão, com vagar mineral, vergou a estatura de cada megálito numa expressão taciturna, ou cansada, ou submissa, ou outra forma de desalento que lhes pesa na nuca, para um mesmo lado, tal as árvores se inclinam em obediência ao vento.

De outros patamares e perspectivas, a ossatura dos pedregulhos cria uma ilusão de vértebras e de escamas dorsais. É a indiscrição paleogeológica de que ali mesmo, no fim do arco das ilhas das Pequenas Sondas, em varanda que deita sobre o mundo oceânico, pode repousar uma colossal besta pliocénica. Talvez estas formações sejam mesmo um resquício da natureza primordial do Matebian, criatura adormecida no seu próprio fóssil, invisível porque é do tamanho da ilha. O Matebian, porta entreaberta para os aposentos de *Marômak*, O Iluminado, é cimo de céu mas, em eras recuadas, já foi fundo de mar, nas idades em que terras e bichos estavam ainda por nascer, recolhidos no útero aquático da Terra. Disso atestam a presença de conchas em altitudes superiores a 2000 metros e a composição coralínea dos seus cumes. Quem sabe, aliás, se é a grande montanha que sustenta à tona dos mares toda esta cordilheira de Timor, única ilha do grupo que não tem origem vulcânica? No Matebian ressoam eternidades que são denunciadas, aos poucos que se desafiam nas vertentes mais altas, por ventos que nunca descem ao nível do mar e pela ressonância ocasional dos sismos no coração fundido da Terra.

Matebian significa “Monte das Almas” em língua macassai, o povo homónimo que habita a faixa transversal entre os dois mares — Homem e Mulher — da ilha, a levante dos cabeços do Mundo Perdido (que dominam as fragas e os aluviões de Viqueque) e a poente do planalto de Lospalos. O Matebian constitui uma zona de transição do povo de língua macassai com os povos de língua naueti e macalere, fixados nos anfiteatros que o maciço estende para o Mar-Homem, chamado de Timor. Estes e outros povos timorenses, conforme concluí de muitos relatos que ouvi por lá, adotaram e veneram Matebian como a etimologia do seu culto comum aos avós mais antigos. Matebian quer dizer também “almas dos antepassados”. Mais que isso, portanto, Matebian designa a morada comum de onde saem e para onde

seguem as linhas da vida que, num colar de mil palavras, unem os timorenses em famílias, as famílias em clãs e os clãs em nações.

Estes fios narrativos, enrolados em lendas e tabus, possuem tantos anéis como o pescoço cortado de uma árvore centenária. Começam num avô de bisavós e estão à guarda dos *lia-nain*, “senhores da palavra”, cuja profissão ritual é a sua própria memória prodigiosa, tão espaçosa que nela descansa a memória vital do grupo. Dito de outro modo ainda, os antepassados são o seu próprio local e por isso esta montanha, não sendo a mais alta de Timor, é a mais nobre. Matebian, montanha do início e do fim, coincide com o momento e o ponto onde o verbo recria, por lembrança, o génesis do mundo timorense.

Ganhei boa convivência com as pedras homínidas do Matebian. Aprendi a apreciar a sua constância, se não a sua lealdade. Receberam-me com assiduidade infalível. Por vezes a chorar de chuva, outras a estalar de calor. Em certos anos mais húmidos, apareciam festivas, enfeitadas de musgos e ervas. Noutros anos, de maior estio, mostravam um sarampo de líquenes amarelos. Estiveram no mesmo sítio, a qualquer hora a que eu as procurasse, ao longo de três décadas. Não custaria acreditar que esperam por mim desde há séculos e continuarão a esperar depois de eu passar por elas a última vez. Elas, e eu, não sabemos quando será essa última vez.

Conheço algumas pedras pelo nome, pois eu as nomeei. Chamar a uma pedra é mais seguro do que nomear um filho e é mais honroso do que nomear uma flor ou um animal. Eu, quando era criança, sonhava dar o meu nome a uma nova espécie de eucalipto, de orquídea ou de borboleta. Mas a minha vida não levou esse rumo. Levou outros, e díspares, que se intercetaram em Timor.

Às pedras, cristanizei-as, passe o anglicismo. Sei quem são por nome próprio. É fácil para mim recordar gente que desapareceu à minha frente nesta terra timorense ao longo de vinte e

quatro anos. É que, durante esse tempo, fui nomeando pedras com os nomes dos que desapareciam. É o meu arquivo privado. Um registo civil, se quiserem, com assentos de nascimento que correspondem a certidões de óbito — ou o contrário. Neste meu livro de assentos, para cada emboscada, para cada bombardeamento, para cada massacre, para cada tortura há uma pedra no silêncio do Matebian. Há nomes de aliados e de inimigos. De civis e de militares. De regulares, de milicianos, de guerrilheiros. De indonésios e de timorenses.

Há, ou havia, em Haekoni, na encosta do Matebian-Homem, um velho a quem permitimos, depois de 1978, que continuasse deambulando lá em cima. Certa vez, Nicodemos encontrou-me, como em anos anteriores, junto a um pequeno lago acima de Rufaguia. Existe aí um pequeno prado de megálitos, bastante airoso. Duas rochas parecem desafiar-se, viradas e inclinadas uma para a outra, distantes de poucos metros, como fazem os *cowboys* em duelo nos filmes. Não longe dali, em novembro de 1978, na batalha final, um soldado nosso e um soldado das Falintil foram despojados de camuflagem: levantou de repente a névoa cerrada que os escondia um do outro, ambos ignorando presença inimiga tão perto. Os dois soldados, espantados, dispararam ao mesmo tempo. Ambos acertaram no alvo. Morreram no mesmo instante. No meu Matebian, as pedras-*cowboy* acima de Rufaguia têm os nomes desses dois infelizes. Visitei-as várias vezes para refletir sobre o nosso longo duelo. Nicodemos surpreendeu-me num desses momentos. Ganhou coragem para perguntar se

Vocês, indonésios, vão também ocupar os nossos antepassados, *Pak*?

Eu nunca tinha lido sobre essa possibilidade em nenhum manual de guerra, nem em nenhuma modalidade de *Integrasi*. Sentei-me junto do velho. Falando-lhe baixo ao ouvido, respondi-lhe que

Não, avô. Só os que forem nossos descendentes,

ideia que, decerto, atormentou o ancião por várias chuvas.

Nomear megálitos no Matebian é mais fácil do que explicar a presença desta população de pedra no “Monte das Almas”. Parece um grupo na azáfama do seu próprio silêncio, emparedado entre origem e destino. Muitas destas rochas, mais singelas e fustigadas, são tão humanas que, salvo diferença de escala, recordam os *ai-toos* de madeira, colocados como marca de sepulturas, *ete-uru ha'a* na língua dos fatalucos do leste. Os *ete-uru ha'a*, da altura de uma criança, eram enterrados no chão e suportados por pedras na base. Encontram-se ainda alguns pelos caminhos da montanha, ou nas matas do leste, descascados numa expressão atordoada e emaciados pelas monções. Têm franjas de fraturas, lanhos e rugas, à laia da autêntica pele humana onde as intempéries da vida curtem um cabedal de velhice. São assim os ocupantes permanentes do Matebian: mulheres e homens, guerreiros e pastores, crianças e velhos, escravos e reis, todos suavizados e submetidos, até quase não terem nome nem tamanho. Por fim, desfazem-se nas frágeis orações de areia desfiadas por quem deles descende. Quietos, vivos-de-pedra, guardados pelos seus cavalos, que pastam sozinhos dentro das nuvens, aguardam um quem ou um onde, lembrados e temidos pelos timorenses — que outro socorro não pode valer-lhes que não o da mitologia.

Se o mito contar a verdade do lugar, o Matebian-Homem e o Matebian-Mulher guardam, lá no alto, a descendência integral dos avós de Timor. Ou, o que é perigosamente mais vasto, guarda a ascendência de todos os filhos da ilha. A lenda é omissa sobre o motivo que levou O Iluminado a transformar cada um destes seres na sua própria montanha-lápide: por olharem demasiado tempo o passado? Ou por não conseguirem pôr-se de acordo sobre o futuro?

Agradecimentos

Várias contribuições marcaram a pesquisa e o percurso desta “Peregrinação”. Começo pelo linguista e tradutor João Paulo Esperança, meu *saudara perguruan* na Pencak Silat Nasional Padjadjaran Timor Leste. A João Paulo, um erudito com quem tardiamente aprendi que “não há muitas maneiras de dar um murro”, fico a dever também o contacto com os nossos instrutores de artes marciais sundanesas, em torno de mestre Beni.

O ex-guerrilheiro Somotxo levou-me a percorrer a cordilheira do Matebian, sua morada e missão durante vinte anos. Convenceu-me de que nem todos os seus antigos companheiros desertaram a ermida solitária a que lá chamam dignidade.

Ainda em Díli, agradeço a Christiana Carrascalão, que aceitou voltar a lugares e acontecimentos em que lhe é doloroso tocar; aos arquitetos Vasco Patraquim Albuquerque e Alexandra Sá Torrão, envolvidos numa apaixonante reinvenção da arquitetura timorense; à jornalista e escritora Jill Jolliffe, que persiste em lembrar a... memória; ao arqueólogo Nuno Vasco Oliveira, ao biólogo David Letichevsky e ao antropólogo forense Mirko Fernandez, que me iniciaram em abordagens do lugar timorense escondidas ao observador leigo.

Em Lisboa, tive no meu colega Paulo Nogueira, da Agência Lusa, uma reserva inesgotável e generosa de conhecimentos e experiências do Sudeste Asiático — além de um fundo bibliográfico abundante.

De Londres e em Díli, a antropóloga Janet Gunter forneceu-me pistas locais para ler a história contemporânea timorense. Outro oráculo rigoroso encontrei no historiador Clinton Fernandes, da Academia das Forças de Defesa Australianas na Universidade de Nova Gales do Sul, em Camberra.

Ajudas e partilhas diversas foram determinantes para a compreensão do Arquipélago Malaio em geral, de Java e de Timor-Leste em particular, da Noruega também. O meu penhor a: Aaslaug Vaa, António Sampaio, Dom Basílio do Nascimento, bispo de Baucau, Élizabéth D. Inandiak, Fernando Sávio, Filipe Carrascalão, Flávia Bá, padre Francisco Moser, Grégoire Rochigneux, bispo Gunnar Stalsett, enviado especial da Noruega para Timor-Leste, Isa Berbridge, Isabel Gaspar, João Ferro, tenente-coronel João Miranda Aluc Descart, chefe da Casa Militar da Presidência da República Democrática de Timor-Leste, José Alberto de Sousa, José Manuel Garcia, José Miguel Ribeiro Lume, José Sousa Santos, Júlia Alinho, Lígia de Jesus, Luís Cardoso, Luiz Filipe Thomaz, Luiz Vieira, Maarten Visser, Mara Bernardes, Maria Ângela Carrascalão, Miwa Sugi, Paula Pinto, Pedro Sousa Pereira, Rebecca Engel, Roque Rodrigues, Ron Sargeant, Sara Negrão, Simão Comenda, Tânia Correia e brigadeiro-general Taur Matan Ruak, chefe do Estado-Maior das Falintil — Forças de Defesa de Timor-Leste —, filho, comandante e, até ver, guardião sem patente do Matebian.

À administração e direção da Lusa, em especial ao diretor de Informação, Luís Miguel Viana, agradeço o convite para ser o delegado da Agência em Timor-Leste, de 2007 a 2009, inadvertida mas elementar *sine qua non* deste romance. Na mesma linha, acrescento, a jusante, o entusiasmo da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas e, muito em particular, de Paula Morão e Ana Castro, que responderam com generosidade ao pedido de apoio

para uma residência de escrita, isto é, uma residência de tempo, quando o meu compromisso de jornalista em Díli estava *done*.

Ana Šerbanović — neta verdadeira de Paun, *ex-partisan* e diplomata jugoslavo — aguentou uma larga peregrinação no papel mais ingrato: o de quem espera. Perante isso, a tradução da epígrafe, da língua servo-croata para a portuguesa, foi tarefa simples. Por Tišma e o mais, “*hvala na paznji*”.

... e algumas referências

No primeiro capítulo, as palavras de Ian Martin são retiradas do seu livro *Autodeterminação em Timor Leste* (Quetzal Editores, 2001).

Todas as passagens em itálico nos capítulos de Wallacea são, *ipsis verbis*, d’O Livro de Francisco Rodrigues, segundo a reedição coordenada por José Manuel Garcia (Universidade do Porto, 2008).

As tatuagens de Alor acompanham rigorosamente a iconografia do mesmo atlas, conforme o fólio existente nos Arquivos da Assembleia Nacional da República Francesa, em Paris. O fólio está catalogado como *Le Journal de Francisco Rois et Suma Oriental de Tomé Pires* e é, com justiça, uma das “obras notáveis” desse fundo, digitalizada e em acesso livre na página da Assembleia na Internet.

As argumentações de geopolítica entre Dalboekerk e Alor, em diferentes capítulos, parafraseiam documentos confidenciais do Departamento de Estado norte-americano, recentemente desclassificados e em livre acesso, com transcrições de primeiras entre Gerald Ford e Henri Kissinger dos EUA e Suharto da Indonésia, em Camp David e em Jacarta, em 1975.

O juramento de Ahuc-Samoro é autêntico. Foi transmitido pelo narrador Manuel da Silva a António Vicente Marques

Soares, em julho de 1999, e confirmado por Leão Pedro dos Reis Amaral, um dos liurais de Luca, a alguém que, dez anos depois, partilhou comigo a declaração de 1703.

O bilhete do Pai, no início da parte III, é um *fac simile* de um apelo ao mundo escrevinhado em cima do joelho por Manuel Carrascalão (1933-2009), em 1999, quando estava preso pela Polícia indonésia. Ainda cheira a papel fumado.

No Kolophón, usei breves linhas de *Madre Cacau — Timor*, o livro que fiz com o ilustrador Alain Corbel (ACEP, 2004), e de um ensaio, *Nordnettbinne*, que escrevi para uma obra retrospectiva da carreira do ilustrador norueguês Kaare Espolin Johnson, *Å låne øyne å se med* (Tapir Akademisk Forlag/Galleri Espolin, 2007).

(E que me levou, na realidade, até Kirkenes.)

“Pais, senhores eles, avós senhores eles, / Senhores trevas eles, senhores noite eles, / Senhores antigos eles, senhores da palavra eles” são os versos iniciais de um longo rito de “Consagração de uma casa timorense”, traduzido por Ruy Cinatti nos anos 60 e reproduzido, em parte, no livro *Arquitetura Timorense*, de Cinatti, Leopoldo de Almeida e Sousa Mendes (Instituto de Investigação Científica e Tropical/Museu de Etnologia, 1987).

Do mesmo rito usei, em duas ocasiões desta *Peregrinação*, o verso final, versículo do pasmo tranquilo: “A boca emudece,/ a voz apaga-se.”

P. R.M.

Pedro Rosa Mendes nasceu em 1968. É autor de uma obra heterogênea que engloba ficção, ensaio e reportagem, com incursões no teatro e na poesia e ligações à banda desenhada e à fotografia.

Em períodos diferentes, como jornalista e pesquisador em História, Pedro Rosa Mendes viveu e viajou em vários países, incluindo Angola, Ruanda, Afeganistão, Timor-Leste, Iugoslávia, Alemanha e França. A sua geografia literária reflete essa experiência de um autor português expatriado desde cedo.

É autor de quatro romances — *Baía dos tigres* (1999, Prêmio PEN de Narrativa), *Atlântico* (2003), *Lenin oil* (2006) e *Peregrinação de Enmanuel Jhesus* (2010) — e a sua obra está publicada em diversos países, entre os quais Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Espanha, Brasil, Turquia, Dinamarca, Holanda.

Peregrinação de Enmanuel Jhesus recebeu o prestigiado Prêmio PEN de Narrativa 2011.

Atualmente, Pedro Rosa Mendes vive em Genebra, na Suíça.

peregrinação de enmanuel jhesus

foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Geográfica
Editora, sobre papel pólen soft de
70 g/m², no mês de agosto de 2013.